Conclusão

Códigos de ética, específicos para este tipo de narrativa, devem ser definidos e postos em prática, de maneira a se equilibrar dilemas entre representação e liberdade de expressão. “O estilo implica diretamente o documentarista como sujeito humano” (NICHOLS, 1997, p. 119).

Quando a representação social audiovisual ganha cada vez mais importância na construção da narrativa histórica, a preocupação de Nichols para uma ética no cinema documentário poderia, ou arrisco dizer, deveria ser aplicada a toda produção audiovisual que se propõe a uma representação baseada em fatos reais.

Retomemos, então, ponto a ponto os questionamentos levantados na introdução deste trabalho:

- 1- Seriam estas representações capazes de influenciar a vida daqueles que estão ali representados? Se sim, que influência seria essa?

Sim, creio que qualquer discurso proferido publicamente sobre outrem é capaz de tocar a vida deste. Seja por identificação com o seu eu representado ou não. Os códigos de ética foram desenvolvidos justamente com o foco neste impacto, a fim de resguardar o direito à privacidade e minimizar as fortes mudanças que ocorrem na sociedade objeto de representação. Poderíamos elencar influências positivas e negativas, visto que na sociedade do espetáculo a visibilidade se torna um grande trunfo comercial da vida de cada um. A valorização da exposição chegou a tal ponto que algumas pessoas querem aparecer ainda que seja por envolvimento em situações constrangedoras e até criminais. Alguns nem tem noção da diferença. Como se estar na mídia fosse, de qualquer forma, um sucesso, um “show do eu”. O que me lembra a música *Meu Guri* de Chico Buarque, bem representativa dessa gente humilde que se fascina em ter sua imagem publicada nos jornais.¹

- 2- Os filmes revelam alguma preocupação ética em relação aos seus representados?

¹ “Chega estampado / Manchete, retrato / Com venda nos olhos / Legenda e as iniciais / Eu não entendo essa gente / Seu moço! / Fazendo alvoroço demais / O guri no mato / Acho que tá rindo / Acho que tá lindo / De papo pro ar / Desde o começo eu não disse / Seu moço! / Ele disse que chegava lá / Olha aí! Olha aí!”

Parece que não. No documentário não há sequer créditos aos entrevistados, seja no take em que aprecem falando ou mesmo nos créditos finais. O excesso de personagens configura aparentemente uma pluralidade de vozes, mas que se revela uma farsa na medida em que suas falas são tão curtas que não podem dizer nada além do discurso do autor, ao se costurarem umas nas outras. A falta de crédito denota também uma postura de generalização da palavra. O espectador deve identificar o personagem por sua aparência, gestual e fala de acordo com o grupo que socialmente ele pertence. Já na ficção, a similaridade dos personagens com os apresentados no documentário levariam o público que tenha visto os dois filmes a fazer imediata relação, e, devido à proposta do filme em ser baseado em fatos reais, acreditar que este é um discurso sobre a vida destas pessoas reais. Ocorre que não há qualquer preocupação em colar os personagens da ficção aos da vida real, que não seja pela simples aparência e pelo impacto de se dizer um discurso de uma tragédia que você poderia ter vivido. No decorrer desta pesquisa não foi possível ir até os personagens para saber como de fato as representações podem ter influenciado suas vidas, mas esta seria uma proposta para trabalhos futuros.

3- Estes filmes fazem parte da construção social da narrativa histórica?

Com certeza. Como Crary afirma, vivemos na era no filmado e cada vez mais o discurso histórico passa pelas narrativas fílmicas, que com o passar do tempo ganham mais e mais peso de documento. Daí a importância de uma preocupação ética na crítica e no fazer destes documentos, como aponta Nichols.

4- A escolha de fatos reais como tema denota engajamento do cineasta ou mera questão de mercado?

É fato que o documentário analisado vem na crista da onda da ascensão do gênero no mercado. Um ano antes a produção nacional havia passado de 2 para 8 ao ano. Parece haver um misto de visão mercadológica com motivação ideológica. Até a imperatividade do discurso do autor denota um caráter de engajamento, ainda que imaturo. É o primeiro longa do cineasta e ele não poderia prever a projeção de um filme realizado por uma pequena produtora. Nossos dados vão até 2008, ano de lançamento do filme de Barreto, não se pode dizer aqui se após esse ano houve ou não uma queda na ascensão do documentário. O que se pode dizer é que no período estudado, o ápice seria 2007, e que o crescente interesse por documentários teria motivado um maior uso

da estética documental em filmes de ficção, assim, Barreto, cineasta já bastante experiente e sócio de uma grande produtora, teria realizado um filme visando primordialmente questões mercadológicas, inclusive priorizando o mercado internacional, o que reflete em seu filme uma estética de cartão postal, reproduzindo estereótipos de um Brasil violento e de mulheres seminuas nas praias. Algo pouco criativo, porém de fácil penetração no mercado internacional.